

Processando Fluxos de Informação no Brasil: Mantendo nossa Riqueza em Território Nacional

Cristina Duarte Murta

“ Com a globalização, o território fica ainda mais importante, ainda que uma propaganda insidiosa teime em declarar que as fronteiras entre Estados já não funcionam e que tudo, ou quase, se desterritorializa.” Milton Santos, geógrafo brasileiro.

O conceito moderno de território¹ inclui não apenas o lugar e a área em si, com seu meio-ambiente natural, mas também os acréscimos históricos materiais realizados pelo homem, e seu uso social, técnico, político. O domínio sobre um território aumenta à medida que empresas e governos locais operam, gerenciam e provêem suporte aos fluxos que trafegam no território, sejam fluxos de pessoas, de bens ou de informação.

Na era da informação, da comunicação e da Internet, as fronteiras parecem mais etéreas, diluídas, voláteis, menos importantes. O conceito de território parece se expandir para os limites do planeta. O aumento da quantidade de fluxos de pessoas, de bens e de informação é imenso.

Com a expansão da Internet em suas várias dimensões, tais como número de máquinas e usuários, maior e melhor infra-estrutura, número e tipos de dispositivos conectados, e diversidade de serviços, os fluxos de informação, antes diluídos nos vários meios (jornais, TV, rádio, telefone, livros, revistas, catálogos, correios, conversas, etc.) se convergem e passam pela Internet. Hoje produzimos e buscamos informação de maneira fácil, rápida e gratuita. Considerando que os fluxos de informação nos meios tradicionais contêm, majoritariamente, informação de interesse local ou regional, podemos estimar que os fluxos eletrônicos também apresentam o mesmo conteúdo, e que a ênfase neste tipo de conteúdo tende a aumentar com a expansão da Internet.

Captar, organizar, processar e distribuir fluxos de informação é hoje um grande negócio. Google, Yahoo, e-Bay e Amazon são exemplos de empresas que processam fluxos de informação, e que têm seu próprio valor estimado em função de sua capacidade de agregar, processar e distribuir estes fluxos. É inegável o valor que essas empresas agregam ao seu território físico, seu lugar, sua região. Não há fronteiras para a coleta de informação da Web, mas a riqueza gerada pelos processos de agregar, tratar e servir informação certamente não é diluída ou distribuída, a exemplo de sua origem.

¹ Guerra dos Lugares, Milton Santos, Folha de São Paulo, 8/8/1999.

Agregar, organizar, processar e distribuir fluxos de informação é, atualmente, um enorme desafio para a computação mundial. As soluções conhecidas, embora complexas e revolucionárias, revelam-se ainda frustrantes e insuficientes após pouco tempo de uso. Vários desafios técnicos e científicos estão relacionados ao problema, entre eles a composição de grandes sistemas computacionais interligados em rede para o processamento de enormes quantidades de dados, a possibilidade de pesquisa ou busca de informação em qualquer formato (texto, imagem, áudio, vídeo, mapas etc.), e a composição das respostas considerando os interesses e as intenções do usuário.

A tarefa de reunir e processar, no Brasil, fluxos de informação originados aqui é também estratégica para o país, o que torna o desafio mais importante. A questão estratégica se mostra de várias formas. Primeiro, os fluxos de informação geram riqueza no território onde são agregados e processados. Assim, devemos aglutinar e processar estes fluxos no Brasil, gerando riqueza em nosso território. Por exemplo, quanto aos serviços, será necessário casar, bit a bit, a oferta e a procura, a demanda da população e os serviços oferecidos pela própria população. Quem vai nos informar qual é a farmácia mais próxima de nossa casa ou se há ingredientes para feijoada no supermercado da esquina? Em segundo lugar, os fluxos de informação referem-se prioritariamente a temas de interesse regional e local. Eles tratam das necessidades, intenções, preocupações e desejos da população. Quem será capaz de captar os aspectos da nossa cultura e dar relevância a eles no processamento da informação? Finalmente, devido ao volume e a abrangência destes fluxos, captá-los e tratá-los é uma questão de soberania nacional. A quem confiaremos nossos dados, nossos arquivos, nosso banco de intenções? A quem confiaremos a tarefa de nos mostrar o que há na Web? Que regras serão usadas para definir o que encontraremos na Web brasileira ou mundial? A que governos e a que tipo de legislação responderão as empresas que vão agregar e direcionar nossas intenções, desejos e necessidades?

Apenas 14% da população brasileira têm acesso à Internet, e este percentual corresponde a mais de 72% dos usuários do *site* de relacionamentos Orkut, o que demonstra a possibilidade de expansão e o interesse do usuário brasileiro. O desafio científico é enorme porque a capacidade de atrair fluxos depende da excelência técnica de um serviço gratuito. É necessário desenvolver técnicas e ferramentas para coletar e processar grandes quantidades de informação de forma muito eficiente, para aumentar a relevância das respostas e facilitar o uso do sistema, entre outros aspectos. Além disso, o acesso gratuito acrescenta o desafio econômico de criar modelos de negócios que viabilizem as empresas associadas.

Os fluxos de informação são fluxos de riqueza e, se direcionados para fora, vão transferir nossa riqueza para o exterior, pelos caminhos da Internet. Esta é uma oportunidade ímpar para a computação brasileira desenvolver competências e contribuir para o desenvolvimento da computação mundial, e ajudar o país a aumentar o domínio sobre seu território, gerando riquezas para os brasileiros.

Cristina Duarte Murta é doutora em ciência da computação pela UFMG e professora do Departamento de Informática da UFPR. Trabalha nas áreas de análise e modelagem de desempenho de sistemas computacionais, com ênfase em Web e Internet.